

## Introdução

Depois de um fecundo período dos cristãos na comunidade primitiva, pouco a pouco, a vocação e a missão do leigo foi sendo obscurecida durante séculos na história da Igreja. Mesmo que em vários períodos, a presença dos leigos sempre se fez importante e sempre teve uma presença, ainda que institucionalmente não tão valorizada. A partir da Ação Católica (AC), que foi um movimento laical extremamente forte e organizado, o laicato passou a ser o tema central de muitas reflexões teológicas no mundo acadêmico e eclesial. Renomados pensadores como o francês Y. Congar (1904-1995), G. Philips (1899-1972), K. Rahner (1904-1984), E. Schillebeeckx (1914-2009), M.D. Chenu (1895-1990), H.U Von Balthasar (1905-1988), entre outros teólogos, começam a analisar, de forma sistemática e pastoral, o apostolado dos leigos e a renovadora contribuição que estes batizados poderiam contribuir para os novos sinais dos tempos, conforme viria apontar o Concílio.

Para tanto, estes estudiosos viam como urgente a necessidade de oferecer ao leigo uma nova compreensão, bem distinta, por exemplo, do Código de Direito Canônico de 1917, que se limitou a dizer: “o leigo é um não clérigo” (Cân. 107). A esta concepção jurídica, somava-se ainda uma eclesiologia puramente apologética, que apenas se resumia também em assegurar os aspectos institucionais da Igreja obtidos ao longo dos séculos. A grande preocupação era apenas responder os diversos questionamentos, sobretudo, de cunho político e científico, ao magistério eclesial que afirmavam a inexistência de Deus e dos valores cristãos.

Incentivado pelos movimentos de renovação, o Concílio Vaticano II, buscando um diálogo mais abrangente sobre a vida da Igreja e a sua relação com o mundo, produziu 16 documentos dos quais vários deles procuram tratar de algumas questões relativas diretamente ligadas aos leigos. Graças à abertura conciliar, os leigos conquistaram uma definição bastante positiva da sua vocação e missão, cujo objetivo era eliminar toda e qualquer dicotomia entre ministros ordenados e não ordenados, hierarquia e laicato no interior da comunidade cristã.

Desse modo, os leigos reconquistaram o seu lugar na Igreja, pois como fiéis incorporados ao próprio Cristo pelo sacramento batismal, tornam-se verdadeiros partícipes do seu tríplice múnus: sacerdotal, profético e régio. Assim, sem exceção, todos os leigos são chamados a agir em colaboração com os outros membros da Igreja e da sociedade, dialogando construtivamente para buscar soluções que possam surgir no exercício da sua missão cristã.

Na comemoração dos cinquenta anos desse Concílio que, com certeza, foi o evento mais importante para a Igreja do segundo milênio, cabe ressaltar que a inovadora experiência conciliar e a sua avançada sistematização teológica fez emergir da concepção da Igreja, como “povo de Deus” e “comunhão”, importantes contribuições acerca da vocação e da missão do leigo por parte do magistério pós-conciliar, em especial, o da América Latina.

Longamente, de agentes passivos, pouco a pouco, os leigos vão conquistando um protagonismo na ação eclesial, juntamente a muitos sacerdotes e religiosos. Porém, perante as transformações do mundo, são chamados a assumir muitas responsabilidades, dentre as quais, a árdua tarefa de anunciar o Reino de Deus no mundo onde vivem, sendo este o campo de sua missão. Apesar das dificuldades devido ao histórico e forte clericalismo presente na Igreja, a contribuição concreta e madura de muitos leigos, em vista da Nova Evangelização, está possibilitando um resultado pastoral muito mais eficaz da Igreja no mundo secular e frente aos desafios da sociedade contemporânea.

Sendo assim, o presente trabalho, basicamente estruturado no método “ver, julgar e agir”, tem como objetivo examinar a vocação e a missão do leigo a partir de uma abordagem histórica e teológica. Para isso, buscaremos investigar a situação do leigo no período que antecedeu o Concílio, percebendo as significativas interpretações teológicas que impactaram, positiva ou negativamente, na vocação e na missão do leigo. Veremos que este percurso histórico desembocará no amplo desejo de renovação da ação eclesial que culminou no Concílio Vaticano II.

Após as definições conciliares, analisaremos a inserção dos leigos no ministério eclesial, em especial, a partir dos documentos magisteriais pós-conciliares. Este exame culminará na verificação das mudanças que hoje afetam a missão dos leigos, bem como as suas dificuldades pastorais e contribuições à

Igreja, especialmente os frutos abundantes produzidos pelas diversas agregações laicais.

Partindo dessa perspectiva geral, no primeiro capítulo procuraremos demonstrar o sentido positivo e negativo que, ao longo de sua história, a Igreja deu aos leigos até chegar o período pré-conciliar, ressaltando as diversas tendências e definições ao longo dos séculos. Feito isso, direcionaremos o nosso trabalho para a compreensão do laicato nos documentos do Vaticano II (na constituição *Lumen Gentium*, na constituição *Gaudium et Spes*, no decreto *Apostolicam Actuositatem*, no decreto *Ad Gentes*, no decreto *Presbyterorum Ordinis*, entre outros), nosso segundo capítulo, coração deste estudo, ressaltando, a partir deles, a grande renovação eclesiológica que a Igreja protagonizou nesses últimos anos.

Sem demora, verificaremos como as ponderações conciliares sobre a temática do leigo motivaram e influenciaram diretamente o magistério pós-conciliar. Dessa maneira, no terceiro capítulo, focaremos nossa atenção na exortação apostólica *Christifideles Laici* e no Código de Direito Canônico de 1983. De igual forma, voltaremos para as novas tendências eclesiológicas presentes na América Latina, a saber: nos documentos do CELAM (Conselho Episcopal Latino-Americano), organismo fundado em 1995, e o documento n.º 62, da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil).

Por fim, voltaremos o nosso estudo mais diretamente para o campo pastoral, observando os desafios e as contribuições do apostolado leigo nos dias atuais frente uma nova visão da Igreja e do mundo. Para tanto, observaremos que a sua vocação, santidade e formação se constituem como elementos essenciais para um fecundo diálogo com a realidade terrena. Pela sua índole secular, o leigo será caracterizado pela sua inserção no mundo, ao qual também toda comunidade cristã está comprometida em transformá-lo. Pelo seu protagonismo, tornam-se verdadeiros instrumentos da mensagem evangélica, capazes de oferecer um novo impulso ao processo evangelizador da Igreja.

Concluiremos reafirmando que, através do seu batismo, cada leigo, homem ou mulher, criança ou adulto, jovem ou idoso, por força de sua dignidade, participação e missão no Corpo de Cristo, se torna capaz de construir para a edificação de uma sociedade mais justa e fraterna através dos seus dons e carismas, fazendo-os importantes mensageiros da salvação aos homens de boa vontade. Essa corresponsabilidade de anunciar o Evangelho a realidades cada vez

mais secularizadas faz com que os leigos se sintam desafiados por um falso relativismo de valores em nome da ciência e do progresso. É tão somente pela sua experiência vocacional, espiritual e uma constante formação permanente que as variadas atividades laicais encontrarão força para dialogar com as exigências da importante missão na Igreja e no mundo.